

## COMO ROY WAGNER INVENTARIA KARL MARX? UMA REFLEXÃO SOCIOAMBIENTAL

**Keylor Bronzato**  
keylor@r7.com  
UniFOA/MECSMA

**Rosana Aparecida Ravaglia Soares**  
rosana.ravaglia@aedb.br  
UniFOA/MECSMA e AEDB

### RESUMO

*Provoca o título do presente artigo uma perturbação inicial fundamentada na capacidade inventiva do homem acerca de questões sociais. Tem-se por objetivo uma apresentação transversal didático-criativa da temática ambiental que integre saberes de sociologia. A ciência de Roy Wagner sugere a leitura das motivações antrópicas frente a distintas culturas. Karl Marx descreve uma linha de sustentabilidade onde a cultura do capitalismo moveria a sociedade para uma relação nova com o meio ambiente. Portanto, diante da capacidade que o homem possui de inventar a si e aos seus pares, de inventar o ambiente que seu corpo vivencia, enxerga, partilha, como Roy Wagner e a sua antropologia inventariam a ecologia que criticou o acúmulo de capitais, de Karl Marx?*

Palavras-Chave: Invenção, criatividade, capitalismo, sustentabilidade.

---

### 1. INTRODUÇÃO

Os limiares de enfrentamento da problemática ambiental demonstram que o relacionamento entre conteúdos sociais e saberes de sustentabilidade alicerçam a educação para o meio ambiente. O hábito social do *homo sapiens* baseia-se na estrutura de consumo engendrada pelo capitalismo: trabalho e renda fornecem subsídios essenciais para a cultura do desejo de ascensão das classes sociais.

Dada a impossibilidade de conceber uma teoria de preservação planetária desconsiderando o fator das culturas humanas, busca-se um padrão de comparação entre a forma de invenção da cultura, culminada por Roy Wagner, e as vias que permitiram a Karl Marx interpretar o *modus operandis* da sociedade do século XIX em desfavor da natureza.

Os elementos a que fazemos referência como compositores da cultura de Wagner são os mesmos que ele cita ao desenvolver o conceito de contexto simbólico. Há um relacionamento amplo entre a cultura humana e estes elementos primordiais. Motivação,

invenção, significação, imaginação, observação, percepção, criatividade, comportamento, e as tensões que os permeiam são os substratos norteadores da cultura – normas, tradições, motivações e invenções pessoais de todos os agrupamentos de seres humanos.

## 2. INVENÇÕES

O contexto simbólico de Wagner pode ser comparado ao contexto da atual problemática ambiental. Como desenvolver o fator humano numa perspectiva que permita a sustentabilidade dos recursos naturais planetários, alinhando fatores sociais como economia e política, a naturais, como preservação e equilíbrio ambiental? O ser humano promoveu o advento do capital ainda amparado na natureza adâmica<sup>1</sup> e baconiana<sup>2</sup> de domínio. Ao considerar a influência dos aspectos do modelo capitalista sobre o meio ambiente, e considerando o planeta como um organismo vivo<sup>3</sup>, um questionamento sugere a reflexão acerca da identidade simbiótica ou parasitária desta relação.

Com a crescente preocupação com a vida, seu equilíbrio e perpetuação nos diferentes pontos geográficos, o contexto ambiental fornece a possibilidade de invenções para firmar novas normas, novas tradições, novas culturas, numa mudança agenciada pura e exclusivamente pela espécie central das mudanças globais. O homem motiva e é dotado de motivação para incidir no comportamento de sujeitos de uma dada realidade. Para Wagner, é o momento da invenção tornar-se convenção, marcando este produto previamente imaginado como capaz de alterar o que é tendência.

“A causa do efeito é o efeito da causa” resume em uma frase o que de outro modo consiste em um longo e elaborado discurso sobre a relação entre convenção e invenção. (WAGNER, 2012, p.369)

Em 1972, a Conferência da ONU sobre Meio Ambiente Humano gerou a Declaração de Princípios de Estocolmo, documento que visava promover um fundamento para o arcabouço normativo de Estados-membros, para o aperfeiçoamento de suas leis. De acordo com Val (2012), os preceitos se baseavam na responsabilidade de todos os homens em evitar danos ao meio ambiente, parceria entre desenvolvimento econômico e social, educação ambiental, e adequação dos preços de matérias-primas e da remuneração em países em desenvolvimento. Estocolmo foi um exemplo da resultante imaginada e motivada por 113 países.

---

<sup>1</sup> **BÍBLIA**. Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 3.

<sup>2</sup> A dominação da natureza de Francis Bacon é criticada por Marx (2011).

<sup>3</sup> **LOVELOCK**, James. Gaia: alerta final. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

Tensionar a realidade motivacional, engrenagem primordial e célula máter da invenção da cultura, requer uma problematização referente ao contexto imaginativo de cada ser humano acerca da sua responsabilidade socioambiental. Wagner o posiciona, segundo Carlos (2012) como “um ambiente virtual onde palavras, gestos e imagens ganham significado uns em função dos outros, a partir de sua associação mútua” (p.338), e vai além, ao buscar a extensão destas associações que normalmente transitam de um imaginário ao outro. Com base neste aspecto de aleatoriedade, atitudes, pensamentos individuais e motivações não se configuram como exatos ou definitivos.

Inventar as tendências de preservação, a partir da já citada problemática da finitude de recursos naturais, é de crucial importância para a capacidade do homem de apreender a ação de mudança. Quando a sociedade convencional, conferencia, delibera, uma cultura é afetada. O acordo define a perspectiva do concordante, orientando sua cultura e tornando-o um dos atores convencionais do mundo a preservar. Os produtos documentais obtidos a partir de Estocolmo em 1972, de Cocoyok em 1974, do Rio de Janeiro em 1992, o Relatório de Brundtland em 1987, estendendo-os até as constituições nacionais, mostram-se um conjunto de convenções cujo cerne reside na distinção quanto aos tipos de contexto que serão articulados no curso da ação humana – quais serão contrainventados, contramotivados, numa constância de reinvenção. Wagner (2012) define atos de expressão como fontes articuladoras de contextos, fontes de comunicação entre eles, assegurando a criação de um a partir do outro. Desde a dominação da natureza que alcançou o século XIX, até os dias presentes, muitos contextos ambientais já foram interligados, evoluíram a partir de motivações que acordantes culturalmente vivenciaram, que os motivaram a criar e recriar.

Se considerarmos as atividades degradantes como uma cultura nociva ao planeta, que reprime as liberdades do meio ambiente, identificamos então uma subcultura do desastre, sendo necessário combatê-la, aprimorar as formas didáticas como política bélica, visando o nascedouro de uma sobrecultura a favor da sustentabilidade. Para Goldman (2011), a criatividade é uma forma encontrada por Wagner para escapar de algum aspecto repressor que a cultura possa representar, cabendo ao homem “inventar uma noção de cultura que combata ativamente sua pulsão repressora” (p.209).

Ao admitir uma cultura ecológica na dimensão individual, a cultura geral acaba sendo criada por meio da cultura particular. O criador não possui consciência de estar usando a criatividade e, assim, é levado, controlado pela visão da realidade que o atinge, promovendo na sua imaginação uma repudia inicial do que recebe, e forçado, logo após, a inventar uma solução.

Assim, invenção das culturas, e da cultura em geral, muitas vezes começa com a invenção de uma cultura particular, e esta, por força do processo de invenção, ao mesmo tempo é e não é a própria cultura do inventor. (WAGNER, 2012, p.54).

A abrangência da consciência ambiental depende da correta disseminação da motivação exterior, imposta pelo exterior. A visualização de imagens, objetos; a ação e comportamento de outros agentes, processos pedagógicos, influem na invenção pessoal de cada ator possuidor de poder sobre o equilíbrio do meio ambiente. Assim, a compreensão da problemática ambiental e a ação para revisão de posições acerca do declínio de recursos naturais é inteiramente dependente do modo de pensar, da invenção que cada ser humano faz dos ecossistemas, biomas, bacias hidrográficas, camada de ozônio, pólos ártico e antártico, e a biodiversidade contida em cada camada descrita.

### **3. OS PILARES DA ECOLOGIA DE MARX**

Karl Marx alinharia sua ecologia ao que a Declaração de Estocolmo já propunha: desenvolvimento sustentável através da articulação das dimensões econômicas e sociais. Augustin (2012) permeou a visão ecológica de Marx citando a transformação social em concordância com a transformação da relação homem-natureza, contradizendo a visão de superioridade sobre a natureza que era universal no pensamento do século XIX. Esse controle era repleto de questões complexas que o cercavam, restando a Marx representar uma visão mais profunda destas questões; mais até que outros pensamentos sociais da época, conforme considerado por Leiss (1974).

O cerne do que Augustin (2012) chama de metabolismo entre natureza e sociedade está na forma específica do processo histórico em que os meios de produção se desenrolam. O homem viria, na sua visão, a constituir-se "um ser natural vivo que só pode existir através de constante intercâmbio e metabolismo com a natureza" (p.401). Segundo Marx, esta troca se daria através do trabalho.

Uma forma que ele encontrou de inventar a natureza descansa nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. A relação homem-natureza o motiva, e ele devolve o impulso em forma de significação, assimilação interativa, inventando não apenas a integração entre as grandezas, mas posicionando-se em relação ao planeta, permitindo que a própria natureza ganhe ludicidade e se autoimagine, inventando a si mesma através do homem que a integra. Eis a trilogia de vinculação cíclica da filosofia de Marx: homem-natureza (sustentabilidade), natureza-natureza (ciclos químicos), homem-homem (sociedade).

Dizer que vida física e mental do homem está vinculada à natureza significa dizer que a natureza está vinculada a si mesma, pois o homem é parte da natureza. (Marx, 1978 apud AUGUSTIN, 2012, p.401).

Karl Marx escrevera em *O Capital* muito de sua ecologia, que pode ser dividida nos seguintes pilares: a própria trilogia cíclica de vínculos, a exaustão do solo, e a preocupação com as gerações futuras.

Ao falar de *homem-natureza*, Marx enfatiza o metabolismo do trabalho para caracterizar a troca dinâmica entre eles. E por se tratar o metabolismo da viga fundamental desta interação, promove o crescimento. O conceito da *natureza integrada a si mesma* refere-se ao ciclo químico de renovação do solo – que será descrito mais profundamente em pilar específico – e a alusão feita ao relacionamento homem-natureza, onde, se o homem é parte da natureza e está a ela vinculada, a natureza, certamente, está vinculada a si mesma. Por fim, a última camada da tríplice conceitual, o relacionamento *homem-homem*, se sujeita à dominação da alta burguesia sobre o proletariado, que caracterizou a sociedade industrial da época com miséria e doenças adquiridas por meio da poluição das cidades.

Marx (1991) apresentou sua preocupação com o desequilíbrio da fertilidade do solo ao descrever a produção agrícola em larga escala, explorada pelo método capitalista, num ataque severo à falta de cultivo consciente e racional da terra, evidenciando que “o que existe é a exploração que desperdiça as forças do solo”, e esclarecendo, como motivo, a necessidade de rápido enriquecimento do latifundiário, e o não retorno “dos elementos do solo consumidos pelo ser humano sob a forma de alimentos e de vestuário”. Suas descrições da atividade no solo instigavam o entendimento de que, quanto mais aumentasse a fertilidade da terra num determinado tempo, mais rápido as fontes de manutenção desta fertilidade esgotariam. Para a completude do ciclo metabólico da terra, os resíduos resultantes do metabolismo natural do homem precisam ser devolvidos ao solo.

E todo o progresso da agricultura capitalista significa progresso na arte de despojar não só o trabalhador, mas também o solo [...] exaurindo as fontes originais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador. (MARX, 1991)

O cultivo racional da terra era uma premissa necessária e condicionante da existência e da reprodução das gerações futuras. Era necessário manter a terra, preservá-la, para que as próximas gerações humanas pudessem se beneficiar de suas propriedades também de forma sustentável. A partir destas concepções de Marx, encerra-se o conceito socioambiental presente na sua obra. Ele via a sociedade como uma força que usufrui a terra sem ser sua proprietária, com responsabilidade de promover melhorias em sua superfície para que as

gerações vindouras também a pudessem usufruir. Marx definiria a finalidade da agricultura, segundo Augustin (2012), como a atividade que deveria “atender a toda a faixa de necessidades permanentes da vida exigidas pela cadeia de gerações sucessivas” (p.404). O bem estar das futuras gerações não poderia ser colocado em risco. De igual forma, a Constituição Federal do Brasil de 1988 emana tal aspecto de proteção ao versar que Poder Público e coletividade possuem o dever de defender e preservar o meio ambiente para as presentes e futuras gerações<sup>4</sup>.

#### 4. TRANSVERSALIDADE SOCIOAMBIENTAL EM MARX E WAGNER

A preocupação com a abordagem ambiental dentro das sociedades vislumbra um conceito de integração de saberes que flutua sobre múltiplos campos. Dada a impossibilidade de situar a degradação ambiental sem mencionar a influência que recebe da economia, cultura, educação, esportes, mídia e família; pautar um relacionamento entre Roy Wagner e Karl Marx se justifica: ambos, em seus estudos de sociologia, mencionaram a perspectiva ambiental de alguma forma – o próprio estudo das sociedades já não descarta a influência que as mesmas exercem sobre o ambiente, e vice-versa. Marx já visualizava, desde então, a sobrecarga que o sistema capitalista atirava sobre a natureza; tanto que se convenceu de que o capitalismo se autodestruiria, projetando um futuro onde os recursos esgotariam e não seria mais possível manter a estrutura de consumo (AUGUSTIN, 2012, p.409). A invenção da cultura que Roy Wagner propõe se contrapõe ao tradicionalismo de falar de uma abordagem apenas humana – ocultando outras conotações e ambiguidades que o mesmo examina em sua obra. Wagner (2012, p.38) fala da necessidade de associar o fenômeno humano, sua cultura, a outros fenômenos do universo, como os animais, as espécies, a vida em si, a matéria, o espaço, a sociedade, a ciência; num esforço de concentrar os propósitos humanos em termos universais, a fim de compreendê-los.

O alcance que o socioambientalismo aqui citado visa reside na sua apresentação por meio de um cruzamento entre os esquemas sociais que Marx e Wagner desenvolveram, onde a crítica ao capitalismo e a invenção da cultura formam retas paralelas, e a temática ambiental forma uma entidade transversal que as cruza e, com isto, cria uma via de acesso entre os saberes de ambos.

Cronologicamente falando, Wagner é um teórico mais recente. Cita a teoria marxista em *A invenção da cultura*, quando explica que seu trabalho se desviou do idealismo e do pragmatismo (filosofia) sobre o qual cientistas marxistas se posicionam (WAGNER, 2012,

---

<sup>4</sup> BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado. 1988.

p.32); e em *Symbols that stand for themselves*, onde cita que o marxismo, a economia e a semiótica pertencem a um misticismo exotérico, sem antes deixar de dizer que não é fácil entender que se Deus está agindo por trás das coisas, misteriosamente, então, ele estaria à frente delas (WAGNER, 1986, p.3). Considerando este contato, mesmo que indireto, de Wagner com Marx, como a teoria da invenção poderia abrigar ou se estabelecer na ecologia de Marx utilizando a via transversal da problemática ambiental?

Nas sociedades de produtores livremente associados de Marx, os objetivos da vida social nada teriam a ver com o sistema capitalista, e sim com o desenvolvimento harmonioso do potencial criativo humano. Para Augustin (2012, p.403), esta forma criativa potencializaria o quadro libertário, e a colaboração homem-natureza. Em Wagner (2012, p.80) vemos que a criatividade da cultura humana é definida pela manipulação de idéias, fatos, relíquias, segredos, técnicas, fórmulas e documentos. A cultura da obra de Wagner cria o trabalho da obra de Marx, representando o incremento criativo deste trabalho ao fornecer-lhe estas descobertas. A criatividade molda o valor cultural.

É certo que dinheiro e trabalho, conforme Wagner (2012, p.82), são necessários para sustentar uma família, porém, nenhum dos dois deve ser sua principal preocupação, visto que não se pode comprar o amor. Este relacionamento homem-homem através do trabalho, remuneração, consumo e capital é a base da crítica de Marx ao modelo de produção ambientalmente degradante da sociedade industrial primeira. Ao promover sua invenção particular da cultura do capitalismo, ele o recria, e aponta seus males, e com isto motiva uma cultura ecológica geral.

## 5. CONSIDERAÇÕES

A transversalidade da dialética envolvendo invenção e convenção sobre o individual e o coletivo em Wagner (1986, 2012), permite o transporte da reflexão acerca de aspectos socioambientais, presentes nas discussões atuais, para o universo da crítica do modelo capitalista de produção na sociedade do século XIX, cunhada por Karl Marx.

A invenção perpétua permite que contextos coletivos sejam reconhecidos e filtrados pela malha individual. De igual modo, as características particulares só podem ser retidas pela malha das convenções. O indivíduo vem convencendo, reinventando seu modo de trabalho e produção desde as sociedades tribais, motivado pela virtualização da realidade que seu organismo vivencia.

A idéia imaginada que Karl Marx teve do capitalismo permitiu suas conclusões caracterizadoras de um modelo que fracassaria, visto a necessidade contínua de renovação dos

recursos naturais que ele exauria, e que não eram repostos da devida forma, levando à sociedade futura a obrigatoriedade de definir um novo relacionamento homem-natureza – uma nova convenção.

A pauta educativa pode ser considerada uma convenção com ótimas possibilidades de intervenção criativa. Nas palavras de Roberto Giancaterino, “Marx concebia uma educação socializada e igualitária a todos os cidadãos”. Invenções e descobertas que definem a nossa idéia de civilização são ensinadas em instituições, e ampliadas pela pesquisa, num processo de refinamento cumulativo (WAGNER, 2012, pp. 79-80).

A compreensão da natureza como fonte de energia e substância, presente dentro e fora do homem, cria a sua personalidade, e define a humanidade como uma natureza refinada e passível de um processo de ensino-aprendizagem (WAGNER, 2012, p. 310). A inversão criativa do movimento ecológico como esforço para controlar a cultura, pondo em questão as insuficiências da própria realidade, tem como objetivo restaurar o equilíbrio entre a satisfação humana e a preservação do meio ambiente. Tal controle e refinamento humano demonstram seu potencial didático.

Os controles de nossa Cultura coletiva são geralmente compreendidos como arbitrários e artificiais, produtos de um desenvolvimento histórico cumulativo. Nesse sentido, considera-se que são passíveis de ser **aprendidos e ensináveis** (é nisso que se resume nossa “**educação**”) e suscetíveis de aprimoramento ou mudança mediante inovação, legislação ou revolução. (WAGNER, 2012, p.334, grifo nosso).

O eixo transversal que corta *A invenção da cultura* e *O Capital* pode ter sua posição norteada por *criatividade*, e a já mencionada *educação*. Entendendo melhor a criatividade, o processo criativo descreve, em suma, a associação entre transformação social e transformação da relação homem-natureza. Identificamos, com este artigo, que a cultura social humana é parte do problema e da solução da questão ambiental.

*O Homo sapiens* é a espécie de inteligência tal a ponto de modificar o meio ambiente a seu favor. Uma cultura criativa, mas, degradante, destruidora, promotora<sup>5</sup> do desequilíbrio ambiental. Uma subcultura. Uma engrenagem movendo o planeta para além da sua capacidade natural de renovação. Foi o que Karl Marx quis demonstrar na sua casta textual ecológica.

Uma forma de amenizar a degradação do meio ambiente reside na pauta didática e na criatividade convencional de Roy Wagner: ao mesmo tempo que o homem inventa formas de modificar o ambiente, também tem capacidade de inventar meios de promover mudanças de forma sustentável, ordenada, concordando que, ao promover a preservação ambiental,

---

<sup>5</sup> em pequena, média ou larga escala; que pode transitar do simples atirar de um pepel ao chão, até os grandes desastres ambientais, como vazamentos de óleo nos oceanos.



promove a si mesmo. Inventar o combate ao desmatamento, inventar técnicas de contraquecimento global, de contraderretimento das geleiras, o combate ao tráfico de animais; inventar, criar uma forma de manutenção das espécies existentes, negando a possibilidade de extinção de qualquer ser vivo, requer convenção e um posicionamento didático-criativo sobre os temas geradores.

## 6. REFERÊNCIAS

**AUGUSTIN**, Sérgio. Marxismo e meio ambiente. In: BELLO, Enzo et al. (orgs). *Direito e Marxismo: tendências atuais*. Caxias do Sul: Educs, 2012. pp. 397-411.

**CARLOS**, Daniel Pícaro. A invenção da cultura. *Cadernos de Campo* (São Paulo, 1991), Brasil, v. 21, n. 21, p. 337-340, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/53937/57881>>. Acesso em: 19 Jun. 2014.

**GIANCATERINO**, Roberto. A influência de Marx na educação. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-influencia-marx-na-educacao.htm>>. Acesso em: 21 Jun. 2014.

**GOLDMAN**, Marcio. O fim da antropologia. *Novos estud. - CEBRAP*, Mar 2011, no.89, p.195-211. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002011000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002011000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 Jun. 2014.

**LEISS**, William. *The domination of nature*. Boston: Beacon Press, 1974.

**MARX**, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 6. ed.. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

\_\_\_\_\_. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.

**VAL**, Eduardo Manuel. Apontamentos sobre direito ambiental no MERCOSUL: uma articulação das esferas nacional, internacional e regional. In: BELLO, Enzo et al. (orgs). *Direito e Marxismo: tendências atuais*. Caxias do Sul: Educs, 2012. pp. 381-395.

**WAGNER**, Roy. *Symbols that stand for themselves*. Chicago: The University of Chicago Press, 1986.

\_\_\_\_\_. *A invenção da cultura*. 1a. edição Cosac Naify Portátil 16. São Paulo: Cosac Naify, 2012. 384p.